

A INVASÃO/OCUPAÇÃO DA TERRA EM JOSUÉ

Duas leituras, duas faces

José Luiz Gonzaga do Prado

Nosso propósito não é absolutamente entrar no problema histórico da formação do povo de Israel. Queremos apenas entender como o deuteronomista (autor ou autores do livro de Josué) apresenta os fatos. Mesmo chamando de fatos o que ele relata, não avançamos qualquer juízo a respeito do fundamento histórico disto ou daquilo. Se o artigo puder contribuir com alguma coisa, será apenas com o apontar duas perspectivas, ou duas possíveis situações vitais, que tenham influenciado na obra histórica deuteronomista, especificamente no Livro de Josué.

AS NARRATIVAS

Um esquema do livro

Vemos no livro de Josué a seguinte divisão:

A – Investidura de Josué (1,1-9)

B – Solidariedade e fidelidade das tribos do Além Jordão (1,10-18)

C – A conquista da terra (2,1-12,24)

C' – A partilha da terra (13,1-21,45)

B' – Solidariedade e fidelidade das tribos do Além Jordão (22,1-34)

A' – A herança de Josué (23,1-24,33)

A estruturação do texto

É de se notar a forma como o livro está organizado pela retórica semita em paralelismo quiástico ou de sanduíche (pão, queijo, presunto, queijo, pão). A figura de Josué aparece no início e no fim. No início destaca-se a sua ligação com Moisés, sua investidura e missão de novo líder: “Sê forte e corajoso, porque tu farás este povo se apossar da terra...”. No final estão suas últimas advertências, o seu testamento espiritual e a aliança das tribos, que assumem o mesmo compromisso da família dele.

A solidariedade das tribos do Além Jordão aparece em segundo e em penúltimo lugar, enquanto que no centro se encontra o tema da terra conquistada e partilhada, tema principal e, evidentemente, mais desenvolvido do livro.

A simples clareza da estruturação literária desde já nos diz que a literatura importa mais do que a história, que a versão é mais importante do que o fato. Assim não devemos nos preocupar com a história ou com os fatos, e sim com a apresentação que o

livro faz desses supostos acontecimentos. Que coisa pretende o autor com essas narrativas tão bem compostas? Alguém narra algum episódio real ou fictício apenas para informar, sem outra pretensão? As narrativas bíblicas não são janelas para o passado, são espelhos para o presente. Vem, então, a pergunta decisiva: Que presente? Quando, em que circunstâncias, a partir de que ponto de vista e em resposta e que problemas concretos, foi escrito o livro? Quais foram seus primeiros leitores, em que situação eles se encontravam, que mensagens seriam mais oportunas ou mais adequadas naquela ocasião? Essas são questões fundamentais para o entendimento do livro.

Uma abordagem, que podemos rejeitar de princípio e por princípio, mas que não podemos deixar de considerar em vista de sua freqüência, é a de não se fazerem aquelas perguntas sobre a época do autor e a situação dos primeiros leitores. É a que toma o livro simples e ingenuamente como uma obra histórica e, se tanto, discute a historicidade de algumas das suas narrativas.

Ocupar-se com a verdade histórica do que aí se relata é ocupar-se com um resíduo ou com o nada, deixando de lado ou na sombra o significado próprio e verdadeiro do livro. Aqui importa pouco como Israel ocupou o país de Canaã, importa como o Livro de Josué narra essa invasão ou ocupação, importa a versão, pois ela é que fala aos leitores/ouvintes do seu tempo e pode falar aos leitores de hoje.

“Na marra”, ou na lei?

Segundo o que aí se lê, o que acontece é a invasão do país de Canaã, com o massacre absoluto da população até então senhora daquelas terras. E tudo se faz em clima religioso e até cultural. A invasão da terra é uma grande celebração litúrgica. O autor, por outro lado, parece sentir prazer em relatar mortandades de populações inteiras, sem deixar escapar um cidadão sequer.

Os israelitas, segundo o relato, não se contentam em ocupar as terras cultiváveis, invadem as cidades ou povoados e massacram toda a população, matando até os animais domésticos. Encontramos isso na tomada de Jericó, quando se matou “tudo o que nela havia. Homens, mulheres, jovens e velhos, bois, ovelhas e jumentos, tudo foi passado a fio de espada” (Js 6,21). Na tomada de Hai, “Josué não retirou a mão com que levara para o alto a sua lança, até que todos os habitantes de Hai fossem exterminados” (Js 8,26).

Trinta e seis reis, ou senhores de cidades-pólo, segundo o relato, foram derrotados e mortos pelos israelitas, que se apossaram de suas terras. O número corresponde exatamente ao triplo do número das tribos de Israel. Com a lista dos reis trucidados e das respectivas cidades massacradas o livro encerra as histórias das conquistas de Josué.

Um capítulo à parte, o *hrm*

O substantivo ocorre 10 vezes no livro de Josué e o verbo 14 vezes, 24 vezes ao todo, uma vez por capítulo, na média. Em nenhum outro livro da Bíblia o vocábulo aparece com tanta freqüência.

Para ajudar-nos a entender o significado do sema, Alonso Schökel aduz a palavra árabe *harém*, recinto fechado e reservado. Significa, então, separar, reservar, dedicar, consagrar, no caso, a YHWH, O SENHOR. O significado de rede de pesca também pode estar ligado ao mesmo conceito de algo fechado.

As nossas traduções utilizam ora “Consagrar – consagrado”, ora “Interdito – votar ao interdito”, ora a palavra grega *anátema*, que significa oferenda votiva e assume o mesmo significado bíblico de destinação religiosa à destruição total.

A seriedade dessa consagração é tal que, como no caso de Acã, que se apoderou de alguns objetos votados ao interdito, a ira de YHWH, O SENHOR, se inflamou contra todo Israel, que, quando pensou que poderia conquistar Hai com facilidade, acabou repellido e os combatentes perderam a coragem. Para que passasse a ira de Deus, foi preciso que o culpado fosse descoberto. Ele é, então, objeto do *hrm*, é apedrejado e queimado com tudo o que lhe pertence, inclusive filhos e animais domésticos, e ainda se ergue um montão de pedras sobre o que restou (Js 7).

2. AS DUAS LEITURAS E DUAS FACES

Algumas perguntas

Qual era a política imperial persa com relação aos povos dominados? Os assírios transferiam populações de uma região para a outra com o intuito claro de desarticular qualquer veleidade de resistência ao império. Por que lutar pela independência de uma terra que não é a nossa? Os babilônios levavam para fora do país mais ou menos numerosa elite política e econômica. O país sem lideranças e sem possibilidade de ressurgimento econômico, a resistência ao império estava abortada.

E os persas? A tese tradicional é que permitiam a volta dos exilados para suas nações de origem e que refizessem a sua identidade nacional e cultural, o que significa religiosa, contanto que política e economicamente permanecessem submissos ao império. Hoje, para muitos, as coisas não são vistas com tanta clareza assim.

Será que houve o exílio de grande parte da população de Judá para a Babilônia e, depois, o retorno dos remanescentes e dos descendentes dos exilados? Ou o que os persas fizeram foi apenas transferência de populações de uma região para outra, sem qualquer ligação étnica ou religiosa?¹ A resposta a essa questão vai caracterizar as duas possíveis leituras ou talvez as duas faces do livro de Josué, pois nem tudo é tão unívoco.

Se houve exílio e retorno, as narrativas do livro de Josué querem animar e orientar os judaitas que pretendem reconstruir a nação, para que o façam à luz da fé javista, da eleição do povo, da doação da terra, da aliança e do culto centralizado, princípios básicos do Deuteronômio, por mais difícil, árdua e penosa seja a tarefa.

1. Panorama da discussão atual dessa questão se encontra em AIRTON JOSÉ DA SILVA, Estudos Bíblicos 71, Israel e sua História p. 62-74, *A História de Israel na Pesquisa Atual*. Mais amplamente em <http://www.airtonjo.com/minimalistas02.htm>

Se não houve verdadeiro exílio nem retorno, as estórias estão propondo aos colonos promover a unidade religiosa e de culto da região. A unidade nacional é boa para o Império, pois mantém a disciplina e previne as inevitáveis dissensões conseqüentes da liberdade de culto. E a figura de YHWH, único e absoluto, generoso e terrível, lembra subliminarmente a figura do Imperador persa. Ou seria a intenção do livro, mesmo nessa hipótese, sugerir aos judaítas uma resistência sutil e silenciosa?

Conquista ou doação?

O livro de Josué encerra, além do mais, alguns paradoxos. Se por uma parte, a conquista da terra se dá através de muita luta, muita estratégia e ousadia, por outro lado a terra é um dom de Deus, inteiramente gratuito. A terra é dom e conquista ao mesmo tempo. É um princípio fundamental da teologia do Deuteronômio.

Como conquista, exige preparação para a luta, organização do combate, participação de todos, sacrifícios, fidelidade etc. Como dom gratuito, é um benefício pelo qual se deve gratidão, louvor e compromisso. A doação gratuita é elemento imprescindível na aliança, é por causa da gratuidade da doação que o povo se compromete a ser fiel, enquanto a fidelidade garante a permanência na Terra. Essa gratuidade e suas conseqüências são continuamente lembradas no Deuteronômio.

Se o livro de Josué quer animar e orientar os judaítas que retornam do exílio, está aí um grande programa: Lutar com coragem, enfrentar todos os sacrifícios necessários, reconquistar a Terra, se preciso for, mas também ter consciência de que se Deus lhes deu e dá essa terra e ela lhes pertence. Pesa sobre eles a séria responsabilidade de ocupar a Terra e viver ali como Deus quer, seguindo fielmente as leis da Aliança. Essas leis é que devem agora governar a nação. Foi o desrespeito à Aliança que levou a população para o exílio e agora a permanência na Terra exigem cuidados redobrados para que a Aliança não seja novamente violada.

Se Josué quer orientar os colonos que chegam à terra de Judá para que se integrem culturalmente, a figura de YHWH, o deus generoso e ciumento, exige que eles reconheçam aquela terra como sua e se reconheçam comprometidos com esse deus. As dificuldades que hão de encontrar se parecem com as batalhas travadas no livro e devem ser superadas. Subliminarmente está aí a figura do Imperador persa doando-lhes aquelas terras e, ao mesmo tempo, exigindo fidelidade e ordenando que as conquistem para si e para o Império.

Massacre ou cooptação?

É oportuno lembrar mais uma vez que não se trata do problema histórico da formação do povo, mas, apenas, do ponto de vista do deuteronomista. O livro de Josué, apesar dos relatos de massacre total das populações, registra dois significativos episódios de exceção: o da família de Raab e o dos gabaonitas. Raab, a prostituta que escondeu os espiões israelitas em Jericó, teve a sua família preservada do massacre. Os Gabaonitas com um estratagema conseguiram que lhes fosse dada a palavra de que não seriam exterminados.

O massacre não foi total apenas por cumprimento da palavra dada, seja por gratidão ou por um acordo, no caso da família de Raab, seja por fraude, no episódio dos gabaonitas. Nos dois casos, por um motivo ou outro, a palavra do SENHOR, que exigiria o extermínio total, não foi obedecida.

Casos semelhantes – nestes os israelitas é que não conseguiram expulsá-los – são os de Gessur e Maacat (13,13), dos jebuseus (14,14) e dos cananeus de Gazer (16,10).

Quando se pretende reconstituir a história da formação do povo de Israel atribuindo alguma historicidade a esses relatos, eles se tornam argumentos em favor da tese da infiltração pacífica e assimilação pelo menos parcial.

O autor deuteronomista, entretanto, parece que pretende apenas justificar a presença de gente de outras etnias no meio do povo de Israel. Se há outra motivação, é a de não cobrar a escrupulosa pureza étnica que exige, por exemplo, o livro de Esdras.

Se houve o exílio e o retorno e o deuteronomista aponta metas para a reconstrução – tese ainda predominante – esses estranhos estariam vivendo entre os remanescentes, os que ficaram em Judá por ocasião do exílio, e agora, na restauração, deveriam ser incorporados, submissa, leal e pacificamente ao povo judeu.

Se, como querem os minimalistas mais radicais, não houve verdadeiro exílio nem retorno, o deuteronomista está insinuando a acolhida e a incorporação amigável dos colonos enviados pelos persas.

Luta armada ou liturgia?

As conquistas narradas em Josué algumas vezes se apresentam como verdadeiras batalhas, onde estratégia, tática e ousadia são extremamente necessárias, outras vezes, como é o caso da conquista de Jericó, não passam de uma celebração ritual, uma liturgia. À nossa cultura isso pode parecer estranho, mas aqui a guerra é uma ação sagrada, porque toda a vida é impregnada pela religião.

Se, quando Josué é escrito, os israelitas estão de volta do exílio, o culto tradicional vai manter e reavivar sua identidade. Suas lutas na reconquista do país, as dificuldades que terão de superar, tudo é oração, tudo se transforma em celebração em honra do Deus dos antepassados. É ele que está presente em tudo, é a ele que todas as ações prestam culto. Isso dará mais firmeza a todos, para reconstruir Judá em plena fidelidade à sua identidade cultural. Pouco importa se isso virá ou não a favorecer o Império.

Se são outras etnias transferidas para a terra de Judá, cabe a elas integrar-se plenamente na cultura local a começar pela fé e pelo culto, como admite plenamente o Terceiro Isaías. Suas lutas e dificuldades devem ser vistas como a luta de YHWH ou do Comandante do seu Exército (Js 5,13-15) e as conquistas e vitórias, como culto prestado a ele. Tudo vem de YHWH e tudo volta para YHWH como tudo depende do Império e volta para o Império. A terra é um favor do Império, tudo na terra deve favorecer o Império.

Divisão em tribos e centralização cultural

O livro de Josué insiste muito nas tribos, refere-se freqüentemente a tribos individuais e ao conjunto das doze. Ao mesmo tempo, porém, qualquer ameaça à centralização do culto, como no episódio dos rubenitas, gaditas e meia tribo de Manassés, descrito no capítulo 22, é um enorme pecado e forte ameaça de que a ira de YHWH se abata sobre todo o povo, como aconteceu no episódio de Acã.

Se os israelitas estão retornando do exílio quando o livro é escrito, a insistência nas tribos ajuda a preservar a identidade étnica do povo. Judeu tem que pertencer a uma das doze tribos. A solidariedade entre todas, porém, é essencial, somos uma nação de tribos, o sonho não pode ser perdido! A centralização do culto deve favorecer unidade da nação, apesar da diversidade das tribos. Se cada tribo tem seus lugares de culto, muitos desvios podem ocorrer, devoções ou deuses estranhos podem introduzir-se, e isso provocará divisão. A nação deve se reorganizar unida, segundo os ideais da reforma de Josias.

Se são colonos de outras etnias que chegam a Judá, a insistência nas tribos vai lembrar que é necessário que eles se integrem, que entrem para um clã de uma das tribos. A centralização do culto vai manter a unidade de governo que favorecerá, sem dúvida, o domínio persa. Ao contrário do *divide et impera*, aqui é preciso unir para manter o Império. A construção do Templo, lugar único de culto, favorecerá o controle de toda a população. O Império, por isso mesmo, não admite qualquer quebra dessa unidade.

Deus generoso e terrível

No capítulo 2,9-10 a prostituta Raab reconhece a onipotência de YHWH que é generoso com o seu povo, a quem entregou o país, mas terrível para com os inimigos. Os espiões (2,24) vão dizer a Josué exatamente isto, lá todos sabem que YHWH nos entregou o país e estão apavorados. Em Canaã todos sabem disso (5,1) e é o que acontece em Hai (8,1-29). Por outro lado o SENHOR é exigente quanto à observância do interdito, há a ameaça (6,18) e a terrível punição que acontece no caso de Acã (7,1-26). As bênçãos e maldições da Aliança podem explicar o porque de tanto rigor (8,30-35). Os gabaonitas também sabem que ele é generoso com Israel e terrível com os antigos proprietários do país (9,24). Em defesa de Gabaon, por fidelidade à palavra dada pelos israelitas, ele faz o sol parar (10,10-14). Finalmente entrega vários outros reis nas mãos dos israelitas, que, como um culto a YHWH, passam toda a população de suas as cidades a fio de espada (capítulo 11).

Se, quando o deuteronomista escreve o livro de Josué, está acontecendo a volta do exílio e se pensa em retomada e reconstrução da nação, é importante fazer crescer a auto-estima de quem volta e tenta reorganizar a vida nacional. Exaltar as vitórias do passado dá forças para a reconquista do país abandonado, da Terra desocupada, talvez, semi-ocupada por estranhos ou inimigos.

O interdito ou anátema, o *hrm*, significa, conforme Dt 20,16-18, que deve ser procurada a todo custo a pureza religiosa e a fidelidade a YHWH, eliminando toda e qualquer possível tentação.

A exigência de eliminação total e a crueldade minuciosa que aí aparece, significam também a onipotência de seu Deus. Só o absolutamente poderoso pode exigir tanto e não deve satisfação por nenhum de seus atos. Superior a tudo, por mais cruel que seja, ele não despreza qualquer lei ou princípio².

E isso adquire um sentido cultural. A carnificina, a destruição quase total, com a reserva apenas dos objetos de valor, que devem ser depositados integralmente no tesouro do santuário do SENHOR, tudo é um ato de culto a YHWH e só a ele.

E, ainda, será mera coincidência que o herói desse livro tenha o mesmo nome do chefe supremo da restauração de Judá, o Sumo Sacerdote Josué? Josué, Zorobabel e outros judaítas que retornam não precisam ter receio, a vitória lhes está garantida. O SENHOR é todo-poderoso e a Terra Deliciosa será completamente purificada.

Se, entretanto, o que acontece quando se escreve o livro, é a colonização de Judá por populações para lá transferidas, a doação das terras, a escolha e generosidade de YHWH, com o terror incutido aos inimigos e sua destruição total com requintes de crueldade, além da mesma ameaça a qualquer infidelidade por parte do povo, não poderiam insinuar a gratidão e, simultaneamente, o temor diante do patrono todo-poderoso, o Imperador persa?

A aliança das tribos

Por três vezes o Livro de Josué faz referências claras a uma assembléia de renovação da Aliança, tema caro ao deuteronomista, em 8,32-35 e nos capítulos 23 e 24. No capítulo 8 fazem parte da assembléia crianças, mulheres e estrangeiros. No capítulo 23, pelo contrário, o desvio mais grave e perigoso é o de se unir a estrangeiros.

O livro terá incorporado tradições diversas? Terá sido escrito a duas, ou mais, mãos, contemplando, assim, mentalidades opostas, uma que se liga mais a Esdras e outra que concorda com o Terceiro Isaías? Ou estará, ao mesmo tempo, sugerindo resistência e aceitando a colonização persa, na hipótese dos minimalistas?

Já os capítulos 23 e 24 têm alguma semelhança, mas também profundas diferenças. Em ambos, estamos diante de uma assembléia do povo, tendo à frente os seus líderes. Em ambos Josué, partindo da história passada, exorta ao culto exclusivo de YHWH. Aí começam a surgir as diferenças: no capítulo 23 não se admite de forma alguma qualquer culto que não seja o puro culto javista, com proibição inclusive de casamentos mistos como ameaça à fidelidade ao SENHOR, condição indispensável para a permanência na Terra.

No capítulo 24 já se admite outra opção, outro culto. Josué coloca o povo diante da opção por YHWH ou por outros deuses e ainda diz que a maioria não será capaz de

2. No contexto do Império Romano, dois autores, de tendências diferentes – aliás, é a lógica mesma do poder político, econômico, religioso, qualquer que ele seja – vêem na crueldade inquestionável uma afirmação da onipotência, que conduz ao culto do Imperador. Cf. MALINA Bruce J., *O Evangelho Social de Jesus*, São Paulo, Paulus 2004, p. 35-36 e HORSLEY Richard A. *Paulo e o Império*, São Paulo, Paulus, 2004, p. 19 e ss.

seguir a YHWH. Hertzberg³, por isso, acha até que o capítulo 24 deveria estar antes do capítulo 23, que seria a palavra final do livro.

Vamos nos ocupar aqui com capítulo 24. É a mais clara e explícita renovação da Aliança. Quem procura no texto sinais da formação de Israel, encontra aqui uma celebração da confederação das tribos, a anfictionia, com os grupos de outras etnias incorporados a Israel, nação de tribos.

Para os que retornam do exílio seria pista e meta para se reorganizar a nação sem monarquia. Se não houve exílio nem, muito menos, retorno, seria mais uma sugestão aos colonos que se aculturassem plenamente.

A assembléia se realiza em Siquém. Fica no centro do país, perto dos montes Garizim e Ebal, onde deveriam ser lidas, segundo o Deuteronômio (11,29 e 27,12), as bênçãos e maldições da Aliança. Foi em Siquém que, segundo Gn 35,4, Jacó enterrou todos os deuses que sua família trazia. Não haveria lugar mais apropriado para a cena.

Josué retoma o prólogo histórico, que fundamenta a Aliança, partindo de Taré, pai de Abraão, e segue destacando alguns pontos que em outras memórias históricas dos textos bíblicos não são tão importantes, incluindo até pequenas divergências com relação às narrativas do próprio livro. Em seguida propõe às tribos a adesão à Aliança, que significaria a unidade religiosa de Israel.

Catorze vezes ocorre a expressão “servir a YHWH”, sete no discurso de Josué e sete no seu diálogo com as tribos. No diálogo, Josué insiste afirmando que elas não serão capazes de servir a YHWH, mas três vezes as tribos confirmam que servirão a YHWH. Que significa “servir YHWH”? Seria apenas o culto, o serviço religioso? Toda a vida não tem caráter religioso? Significa o compromisso da Aliança, a vassalagem a YHWH, a fidelidade a todos os mandamentos da Lei ou Instrução que organiza a nação em vida solidária e sem submissão de uns aos outros, mas apenas ao SENHOR.

Em seguida Josué escreve no “livro da lei de Deus” essa renovação da Aliança e o rito final é a ereção de uma estela comemorativa, coisa de outra parte tão condenada pelo Deuteronômio (Dt 12,2-3; 16,21-22). Seria isso sinal de antiga tradição não “purificada” ou é a necessidade de se fazer uma ligação etiológica? Aquela pedra que lá estava “até o dia de hoje” lembraria a Aliança com YHWH, o fundamento para a solidariedade entre as tribos.

Como ficamos?

Os dois possíveis espelhos, leituras ou faces do livro de Josué para os seus primeiros leitores/ouvintes poderiam agora se tornar espelhos para nossa atual realidade eclesial, eclesiástica e mundana.

Não há dúvidas de que a excessiva centralização eclesiástica, que faz abortar qualquer busca ou criatividade e castra todas as possíveis novas lideranças, é linha au-

3. HERTZBERG, Hans Wilhelm, *Die Bücher Josua, Richter, Rut*. Göttingen: Vanderhoecht & Ruprecht, 1959, p.132.

xiliar do Império Global, do pensamento único imposto ao nosso mundo. E o medo de que qualquer pensamento divergente, por mais fraco que possa parecer, venha a fazer desmoronar todo o arcabouço montado sobre esse pensamento único, leva a que uma simples ameaça seja eliminada radical e violentamente.

Por outro lado, um mínimo de organização eclesial que coordene forças e faça com que os pequenos e fracos se tornem grandes e fortes é indispensável. As comunidades radicadas na fé cristã podem e devem ser sacramentos, sinal e força, para as organizações e movimentos populares.

A auto-estima dos pequenos, capazes de sacrifício, de paciência, de estratégia, qualidades reveladas nos combates descritos, precisa e merece ser acentuada. A gratuidade, por outro lado, vem como resposta ao mundo totalmente mercantilizado e que só se preocupa em defender os que já possuem e tudo podem, abandonando à própria sorte os que precisam e nada podem. A terra é dom para quem precisa e não mercadoria para quem pode.

Problemas diferentes exigem respostas diferentes. O olhar para dentro ou para fora revela situações e pede soluções bem diferentes.

Olhando para dentro, se a contaminação se torna perigosa, é preciso tomar medidas radicais, ir à raiz dos problemas e não cuidar apenas da auto-imagem, escondendo os crimes e acobertando os criminosos, quando não punindo quem toca o dedo na ferida. Temos dificuldade em perceber esses momentos quando é preciso um *hrrm*, cortar fundo, aparentemente perder muito, para extirpar o tumor e salvar o paciente. Quantas vezes ficamos surdos a Rm 12,2 “Não vos conformeis com este mundo”, repetindo “É assim mesmo! Todo o mundo faz desse jeito!”

Olhando para fora, vem o momento em que é preciso abrir os braços, acolher na assembléia as mulheres, as crianças e os estrangeiros, dar espaço e saber aprender dos fracos, dos analfabetos e dos estranhos. Precisamos deixar a pretensão de ser os donos da verdade total e absoluta e abrir espaços para aprender do relativo, do parcial, do outro.

José Luiz Gonzaga do Prado
Caixa postal 159
37800-000 GUAXUPÉ – MG